

## **Mato Grosso distribui repelentes para grávidas que recebem Bolsa Família**

Em Mato Grosso, 4.300 gestantes cadastradas no Programa Bolsa Família deverão receber, cada uma, dois frascos de repelente por mês, para prevenção e proteção individual contra o *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor da dengue, zika vírus e chikungunya.

**(Folha Max, 04/07/2017 - acesse no site de origem)**

A distribuição do repelente vem sendo feita pela Superintendência de Assistência Farmacêutica (SAF), da SES/MT, desde abril, diretamente aos 141 municípios.

De acordo com Aline Régia Ferreira Ribeiro, da coordenação de Ações Programáticas Estratégicas da SES, a quantidade comprada pelo Ministério da Saúde é o suficiente para quatro meses.

“Todos os municípios foram avisados pela SAF e pelos 16 Escritórios Regionais de Saúde para retirar o repelente na SAF em Cuiabá. Não é preciso agendar, basta apresentar a autorização do município para retirar o produto”, informou Aline.

A Capital e Várzea Grande têm o maior número de gestantes cadastradas para receberem o repelente. Em Cuiabá são 1.912 gestantes e, em Várzea Grande, são 1.348.

Até o momento, dos 141 municípios, 93 já retiraram o repelente na SAF. Portanto, restam ainda 48 municípios para retirar o produto.

A SES alerta a esses municípios que façam a distribuição do repelente o quanto antes para as mulheres gestantes cadastradas, por se tratar de um programa de prevenção a doenças.

---

## **Distribuição de repelentes para grávidas começa na próxima segunda-feira em Campos, no RJ**

*Distribuição será para mais de 1 mil grávidas cadastradas no programa Bolsa Família.*

**(G1, 14/06/2017 - acesse no site de origem)**

Como medida de prevenção da zika, doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* que pode acarretar na microcefalia em recém-nascidos, a Secretaria de Saúde de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, irá distribuir gratuitamente repelentes para mais de 1 mil

grávidas cadastradas no programa Bolsa Família. A distribuição terá início na segunda-feira (19) nas 15 farmácias polo do município.

Para que as gestantes beneficiárias do Bolsa Família possam receber o produto, elas devem comparecer em uma das unidades munidas de RG, CPF e comprovante de acompanhamento do pré-natal e pesagem que é feita de seis em seis meses como exigência do programa.

As farmácias polo estão situadas nas seguintes unidades: UPH de Farol de São Tomé, UBS de Morro do Coco, UBS de Tocos, UBS de Baixa Grande, Centro de Referência e Tratamento da Criança e Adolescente I e II, UPH de Ururaí, UPH de Guarus, UPH de Travessão, UPH São José, UBS Jamil Abido, UBS Alair Ferreira, UBS da Penha, Centro de Saúde de Guarus e UPH de Santo Eduardo.

De acordo com dados do Centro de Referência de Doenças Imuno-infecciosas (CRDI), Campos registrou neste ano 12 casos suspeitos de zika e nenhum foi confirmado. Já em 2016, foram 5.321 notificações de casos suspeitos de zika, sendo 225 em gestantes. Desse total do ano passado, 38 gestantes foram confirmadas com zika e 16 bebês nasceram com microcefalia. Segundo o diretor do CRDI, Luiz José de Souza, essas crianças são acompanhadas por pediatras do Hospital Plantadores de Cana (HPC) e também por outros especialistas do Hospital Geral de Guarus (HGG), como oftalmologistas.

Além do zika vírus, o mosquito *Aedes aegypti* também transmite dengue e chikungunya.

---

## **Governo atrasa entrega de repelente para 484 mil gestantes do Bolsa Família**

Em balanço de 200 dias de trabalho, o ministro da Saúde, Ricardo Barros, disse nesta segunda-feira, 26, que o combate ao mosquito *Aedes aegypti* é o maior desafio de 2017 na área de saúde pública. Com a expectativa de fechar 2016 com um crescimento dos casos de febre chikungunya em 627%, o ministro reiterou que o problema é sério porque o mosquito é o transmissor universal de vírus, que começou com a epidemia de dengue, zika e agora chikungunya. “Cada cidadão é responsável pelo combate ao mosquito. Não há força pública capaz de estar em todos os lugares eliminando os focos”, disse.

*[\(O Estado de S.Paulo, 26/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)*

O governo previa entregar neste mês os repelentes para as 484 mil gestantes inscritas no programa Bolsa Família, mas atrasos no processo de compra do produto impediram o cumprimento do prazo. “Lamentavelmente a burocracia tem nos atrasado”, reclamou o ministro.

Embora tenham feito uma economia de R\$ 128 milhões e comprado um produto com eficácia de 10 horas, ainda não há prazo para a entrega dos repelentes. A licitação já foi concluída e agora é aguardar para que nenhum concorrente da licitação entre com o recurso. Vencido os prazos de recurso, os repelentes devem começar a ser distribuídos em 15 dias após a assinatura de contrato.

A expectativa em 2017 é de estabilidade para o número de casos de dengue e zika, mas com ampliação das notificações de chikungunya. Levantamento de 10 de dezembro mostra queda de 9,1% dos casos de dengue (1.487.673 casos ao total), 211.770 casos prováveis de zika (nem todos tiveram constatação com teste) e 263.589 casos prováveis de chikungunya.

Desde outubro de 2015, foram 2.289 casos de microcefalia registrados no Brasil e, em um ano, houve uma redução em 86% dos nascimentos de bebês com microcefalia. “Está controlado. O susto fez com que as pessoas se cuidassem”, concluiu o ministro.

Outra ação do governo foi a compra de 3,5 milhões de testes rápidos para zika. O teste permite identificar em 20 minutos se o paciente está ou já foi infectado pelo vírus da zika. Além das ações de combate, estão sendo investidos R\$ 10 milhões para vacina contra zika pelo Instituto Evandro Chagas (em parceria com a Universidade do Texas), outros R\$ 11,6 milhões para o desenvolvimento da vacina da zika pela Fiocruz e R\$ 100 milhões para pesquisa clínica da vacina da dengue pelo Instituto Butantan.

Novos serviços. Durante o balanço dos 200 dias à frente do ministério, Barros anunciou a liberação de R\$ 962,3 milhões para o funcionamento de 1.966 serviços na rede pública de saúde que não tinham contrapartida do governo federal. Os recursos vão custear a ampliação de serviços hospitalares e ambulatoriais em urgências e emergências, atenção psicossocial, saúde bucal, oncologia, atendimento de alta complexidade, Rede Cegonha (assistência de gestantes e bebês), Unidades de Terapia Intensiva, entre outros. Segundo o Ministério da Saúde, isso foi possível graças a uma economia de R\$ 1,9 bilhão no período.

Os recursos possibilitaram também a incorporação de seis novos medicamentos na lista do Sistema Único de Saúde: Dolutegravir (Aids), Rivastigmina (adesivo para Alzheimer), Paracalcitol (hiperparatireoidismo), Cinacalcete (hiperparatireoidismo), Tobramicina (antibiótico inalatório) e 4 em 1 para Hepatite C (Veruprevir, Ritonavir, Ombitasvir e Dasabuvir).

Em entrevista coletiva, o ministro também anunciou que 429 equipamentos apreendidos pela Receita Federal poderão ser aproveitados pelo Ministério da Saúde. Ao total são R\$ 17,5 milhões em produtos, como equipamentos de ressonância magnética, mamógrafos, tomógrafos, raio X, contêineres de seringas, agulhas, entre outros.

O Ministério da Saúde espera ter até abril do próximo ano todos os prontuários da rede em formato eletrônico. Até lá, municípios com dificuldade de compra de computadores e equipamentos que viabilizem a instalação do prontuário terão ajuda do governo para a implantação do prontuário eletrônico.

Daiene Cardoso

---

# Após promessas, grávidas seguem sem repelente e teste para zika, por Claudia Colucci

**(Folha de S. Paulo, 23/08/2016)** Dez meses se passaram desde que o Brasil decretou “Emergência em Saúde Pública de Situação Nacional” em razão da epidemia de [microcefalia associada ao vírus da zika](#). De lá para cá, foram feitas várias promessas, como o acesso a repelentes e testes de zika para as grávidas no SUS, que ainda não saíram do papel.



Enquanto isso, já são 1.806 bebês com a síndrome congênita do zika, que causa graves alterações cerebrais, visuais e auditivos, danos que vão além da microcefalia. Foram confirmados 122 mortes fetais ou neonatais em razão da síndrome.

Não bastasse o zika, o vírus chikungunya também já mostrou que representa uma ameaça às gestantes, com a possibilidade de transmissão da infecção ao bebês na hora do parto. Entre os problemas causados à criança, estão hemorragias e paralisias cerebrais.

Só para refrescar a memória: em dezembro de 2015, o então ministro da Saúde, Marcelo Castro, anunciou que faria uma parceria com o Exército para a produção de repelentes a serem distribuídos às gestantes no SUS.

Logo depois, o Exército divulgou nota dizendo que não tinha infraestrutura para a fabricação do produto em larga escala. A produção é de uso exclusivo da tropa, segundo nota da

instituição. Nem registro na Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) o produto tem. A promessa não passou de bravata.

Em janeiro deste ano, Castro mudou o discurso e disse que somente as gestantes beneficiárias do Bolsa Família teriam direito ao repelente. Até agora, nada. Um impasse que tem atravancado as negociações é o preço do produto. Os fabricantes pedem isenção do PIS, Cofins e Imposto de Importação que recaem sobre os produtos químicos trazidos de fora do Brasil para fazer o repelente.

Também em dezembro o governo de Geraldo Alckmin (PSDB-SP) prometeu que as mulheres grávidas teriam direito ao [teste para detecção do vírus da zika](#). Até agora, nada. Argumenta agora que os testes disponíveis não são 100% eficazes, dão muito falsos-positivos. Mas se isso é verdade, por que raios esses testes foram então aprovados pela Anvisa e estão aí no mercado?

Em junho último, foi a vez do atual ministro Ricardo Barros prometer, em visita à Bahia, a compra de testes sorológicos de zika para distribuição no SUS. As mulheres em idade fértil e gestantes teriam prioridade. Acontece que os testes ainda estão em desenvolvimento pela Fundação Baiana de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico, a BahiaFarma, sem prazo para chegar ao mercado. De novo, uma promessa vaga.



As gestantes com planos de saúde têm garantido esse direito ao teste, já que a ANS obrigou as operadoras de saúde a incluí-lo no rol de procedimentos. As grávidas pobres, que dependem do SUS, seguem desamparadas em seus direitos reprodutivos.

Não têm dinheiro para comprar repelentes, medida preventiva básica recomendada pelo próprio Ministério da Saúde, não têm acesso a métodos contraceptivos de longa duração e vivem em áreas de permanente risco para o zika e outras arboviroses, com saneamento básico precário ou inexistente.

O mesmo desamparo pode ser constatado em relação às mães nordestinas com bebês vítimas da síndrome congênita do zika. Muitas ainda não conseguem nem transporte para levar os filhos a um centro de reabilitação.

Mas isso não causa grande comoção na sociedade de uma forma geral. O cenário muda quando entramos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, o acesso à interrupção da gravidez por conta do zika, por exemplo. Aí todo mundo gosta de dar pitaco, cair matando. Não seria ótimo que houvesse a mesma mobilização, o mesmo clamor, em torno da garantia ao acesso aos métodos preventivos?

É nessas mulheres que eu penso cada vez que escuto a conversa mole de políticos e gestores públicos, muitas vezes reproduzida de forma acrítica e descontextualizada pela mídia.

Quando vamos perceber que essa briga não é só delas? Que a questão da falta de saneamento básico, uma das principais razões que nos fizeram perder a luta contra o mosquito *Aedes aegypti*, é muita séria e afeta toda a nação? Que qualquer um de nós podemos ser vítimas dessas três arboviroses e de outras doenças, mesmo vivendo em áreas nobres?

Neste ano, duas pessoas conhecidas morreram de dengue. Tinham bons planos de saúde, passaram por pronto-socorros, mas não receberam diagnóstico e tratamento adequados no tempo certo. Conheço outras duas, também com planos de saúde, que há mais de um ano convivem com as dores e limitações do chikungunya.

Até quando vamos conviver com essa roleta-russa a cada verão?

**Acesse no site de origem:** [Após promessas, grávidas seguem sem repelente e teste para zika \(Folha de S. Paulo, 23/08/2016\)](#)

---

## [Miami dá repelentes a moradores de rua e pulveriza área de surto da zika](#)

**(Folha de S. Paulo, 03/08/2016)** A polícia de Miami, na Flórida (EUA), distribuiu mais de 50 frascos de repelentes a moradores de rua em Wynwood, bairro ao norte da cidade americana e considerado o “marco zero” dos focos do vírus da zika transmitido localmente.

“Os moradores de rua são os que mais precisam porque estão expostos ao mosquito 24 horas por dia”, disse o policial James Bernat, do Departamento de Polícia de Miami.

A distribuição de repelentes no combate ao mosquito *Aedes aegypti* foi realizada nesta terça-feira (2) no bairro. Além da entrega dos repelentes, a polícia também explicou sobre a forma de transmissão do vírus em uma tentativa de retardar a propagação do mosquito.

“Eu passo água sanitária e álcool no meu corpo todas as noites antes de dormi. Ele queima a pele, mas mantém os mosquitos afastados”, disse Lorenzo Ward, ao canal americano ABC. Ele concordou que o repelente é uma alternativa melhor.

Além dos casos de infecção, foi encontrado no bairro um número de mosquitos e larvas de aedes “moderadamente elevado”. O bairro é uma área de prédios industriais e residenciais. Na região há galpões, galerias de arte, restaurantes, apartamentos e condomínios.

As autoridades de saúde da Flórida informaram que Wynwood continua a ser a única área no Estado com transmissão ativa da zika. Contudo, há indícios de que os mosquitos estão espalhando a doença para fora da área com o surgimento de um novo caso.

“Estamos investigando isso cuidadosamente. E se realmente identificarmos uma outra área de transmissão local, nós vamos alertar”, disse Sarah Revell, porta-voz do Departamento de Saúde da Flórida nesta terça, segundo o jornal “Miami Herald”.

Com o novo diagnóstico, o Estado soma 15 casos causados por transmissão local, sendo 13 em Miami e 2 no Condado de Broward. Na última quarta (27) foram divulgadas as primeiras contaminações locais na mesma área.

As autoridades de saúde também relataram três novas infecções relacionadas à zika de moradores que viajaram para para países ou territórios onde o vírus está em circulação. Com isso, o número chega a 336.

Para combater o mosquito, aviões começaram na manhã desta quarta-feira (3) a aplicação de inseticidas na área onde foi encontrado o surto do vírus. Apesar da pulverização não ser tão eficaz para erradicar as espécies de mosquito de propagação do vírus, o prefeito de Miami, Carlos Giménez, disse que o município tinha que tentar.

## **Grávidas**

O CDC (Centros para Controle e Prevenção de Doenças) dos Estados Unidos recomendou que mulheres grávidas e homens e mulheres que pretendem ter filhos a não viajem para a área de Miami e enviou especialistas para investigar o surto da doença.

As autoridades de saúde dos Estados Unidos já haviam advertido que era possível que ocorressem surtos locais da zika no país com a chegada do verão, especialmente após a rápida propagação da infecção na América do Sul e na América Central ao longo dos dois últimos anos.

Não existe vacina, tratamento nem exames de diagnóstico rápido para este vírus, descoberto em 1947 em Uganda. O vírus da zika é transmitido na maioria das vezes pela picada do mosquito *Aedes Aegypti*, e em alguns casos por contato sexual. Em geral, a doença provoca sintomas brandos e muitas vezes passa despercebida.

O vírus pode provocar, porém, transtornos neurológicos, como a síndrome de Guillain-Barré, ou má-formações congênicas graves e irreversíveis, como a microcefalia, que se caracteriza por um desenvolvimento insuficiente do cérebro, em fetos de mulheres que foram infectadas pelo vírus durante a gravidez.

***Acesse no site de origem:*** [Miami dá repelentes a moradores de rua e pulveriza área de surto da zika \(Folha de S. Paulo, 03/08/2016\)](#)

---

# [Insegurança contra a zika, editorial da Folha de S.Paulo](#)

**(Folha de S.Paulo, 28/04/2016)** A epidemia de zika no país colocou as mulheres grávidas no topo das preocupações. Não poderia ser diferente. O nascimento de bebês com microcefalia é a consequência mais dramática do surto.

Dentre as estratégias de prevenção recomendadas às gestantes, o uso de repelentes figura como uma das principais, pois reduz as chances de picadas do mosquito *Aedes aegypti*, que transmite o vírus da zika —e também o da dengue e da chikungunya.

O uso diário dos produtos mais recomendados por médicos, contudo, custa cerca de R\$ 180 por mês, um valor inacessível para as famílias mais pobres. Estas, além disso, com frequência vivem em locais com esgotos a céu aberto e coleta precária de lixo, o que favorece a proliferação do mosquito.

Apesar disso, o governo federal demora a ajudar a população carente, como mostram dados recentes de Pernambuco, Estado até agora mais atingido pela microcefalia.

Lá, mais da metade das mães de bebês com suspeita de malformação craniana está inscrita no cadastro único de programas sociais. Quase 80% delas são consideradas extremamente pobres, integrando famílias cuja renda per capita mensal é de até R\$ 47.

Em dezembro de 2015, o Ministério da Saúde anunciou planos de distribuir repelentes a grávidas beneficiárias do Bolsa Família —um contingente estimado em 400 mil mulheres. Pretendia-se iniciar a entrega em fevereiro deste ano.

Somente na última sexta-feira (22), porém, publicou-se no Diário Oficial da União um decreto de criação do programa de distribuição de repelentes a essas gestantes. Pior, não há data para o início das entregas. O edital para a aquisição do produto, por exemplo, ainda nem foi divulgado.

Na melhor das hipóteses, o repelente chegará às gestantes carentes perto do início do inverno, quando o auge da ação do *A. aegypti* terá passado. A escassez sazonal de chuvas e a chegada do frio naturalmente reduzirão a quantidade de mosquitos. Ou seja, a ação federal começará tarde, quando o estrago irreparável estará feito.

O vírus da zika já circula em quase todos os Estados. Em 2016 foram registradas 91,3 mil prováveis ocorrências da doença, 7.500 das quais em grávidas. Os casos confirmados de malformação chegam a 1.198.

A letargia do governo federal apenas amplifica essa tragédia, para particular prejuízo —de novo— da população mais vulnerável.

**Acesse o site de origem:** [Insegurança contra a zika \(Folha de S.Paulo, 28/04/2016\)](#)